#03

CORISCO

BOLETIM DAS XXX JORNADAS DA EBP SEÇÃO BAHIA

EDITORIAL

Bruno de Oliveira - Cartelizante
Fernanda Dumet - Associada ao IPB

O fuxico e o jogo de “palavras cruzadas” são as imagens escolhidas para ilustrar o número 3 do Corisco. Em sua dupla acepção – como palavra que circula e como arte de reunir pequenos retalhos –, o fuxico oferece uma metáfora para pensar o inconsciente, a transferência e a experiência analítica.

Na sessão, histórias, silêncios, tropeços e significantes chegam como pistas dispersas, à espera de uma forma. Como nas palavras cruzadas, cada termo encontra seu lugar ao se cruzar com outros, abrindo sentidos inesperados ou revelando, nos espaços vazios, o que ainda não pôde ser dito. O trabalho analítico consiste em acolher esses fragmentos, escutar suas repetições e acompanhar os fios singulares que atravessam o dizer. Se, como indica Laurent, se o analista segue o sujeito em sua relação particular com o gozo, sua presença não é a de quem orienta, mas a de quem acompanha.

Entre palavras que circulam, retalhos que se juntam e significantes que se cruzam, o sujeito pode encontrar uma maneira própria de costurar sua história, preencher suas lacunas e fazer com aquilo que, nele, insiste como gozo.

Nesta edição, temos o texto de Júlia Jones, que retoma os conceitos de inconsciente e transferência na psicose, destacando a necessidade de uma orientação prudente e atenta às soluções singulares de cada sujeito.

Niraldo de Oliveira Santos faz uma leitura do último ensino de Lacan a partir de Éric Laurent, colocando em evidência a posição do “analista que segue” e o deslocamento da transferência para uma clínica orientada pelo Um e pelas invenções singulares do falasser.

No último vídeo, Domenico Cosenza convoca o analista a apostar em uma transferência pautada mais no encontro do que na posição de suposto saber, permitindo ao analisante construir suas próprias respostas em um mundo cada vez mais inflacionado pelas IA e terapias que obturam o saber inconsciente.

Lara Cedraz nos convida a encontrar, pela ludicidade de um caça-palavras, uma psicanálise que reside no tropeço e nas hiâncias do equívoco, em que, entre a objetividade do significante e sua opacidade, o inconsciente faz sua morada.

Beatriz Silva compartilha as ressonâncias da atividade de divulgação em Guanambi, transmitindo, a partir da experiência vivida, os efeitos de uma jornada que fez circular o vivo da experiência analítica.” Retirar “a partir das experiências do Cien.

Por fim, somos presenteados com um belo trabalho da colega Graziela, que, entre fios, tecidos e detalhes, faz colorir a arte que permeia este número. Aproveitem!

CONVERSA COM DOMENICO COSENZA

Confira a terceira parte do vídeo e transcrição de um fragmento da entrevista conduzida por Tânia Abreu e Aléssia Fontenelle, em Paris, em 31 de maio de 2026.

DOMENICO CONSENZA

AME SLP/AMP

3ª PARTE

O Suposto Saber e a Ética

Em certo sentido, para muitos, a questão da transferência não se origina tanto como a partir de um suposto saber. Origina-se mais em uma dimensão de encontro, em que o que encontramos produz em um analisante um efeito particular de confiança conectada mais com a dimensão ética do que com a dimensão do saber. É isso que permite o desenvolvimento da transferência também quando não há suposição de saber.

Analista x IA

O próprio de uma análise é que o analista não é alguém que dá a resposta. Isto o distingue completamente em relação à Inteligência Artificial (IA). O analista está mais na posição de sustentar a produção da resposta do lado do sujeito. Nesse sentido, trata-se de uma prática que não tem a ver com essa proposição da IA, que me parece fazer mais concorrência às psicoterapias do que à psicanálise.

Contemporaneidade

Encontramo-nos diante desse fenômeno da contemporaneidade, em que o lugar do outro enche de respostas, mas o próprio da psicanálise é precisamente não ocupar essa posição. Nisto ela faz exceção, a respeito do que é o discurso dominante e sua articulação no campo das terapias ou das psicoterapias. Este me parece o ponto.

A TRANSFERÊNCIA NO ULTIMO ENSINO DE LACAN

Niraldo de Oliveira Santos
EBP/AMP

A partir do convite da Comissão de Mídias e Divulgação das XXX Jornadas da EBP – Seção Bahia para que fosse indicado um texto ou livro que considero fundamental para o estudo do tema “O inconsciente e a transferência hoje”, imediatamente me ocorreu indicar o texto “Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência” , de Éric Laurent. O referido texto foi originalmente apresentado no XI Congresso da AMP, em Barcelona, em 2018.

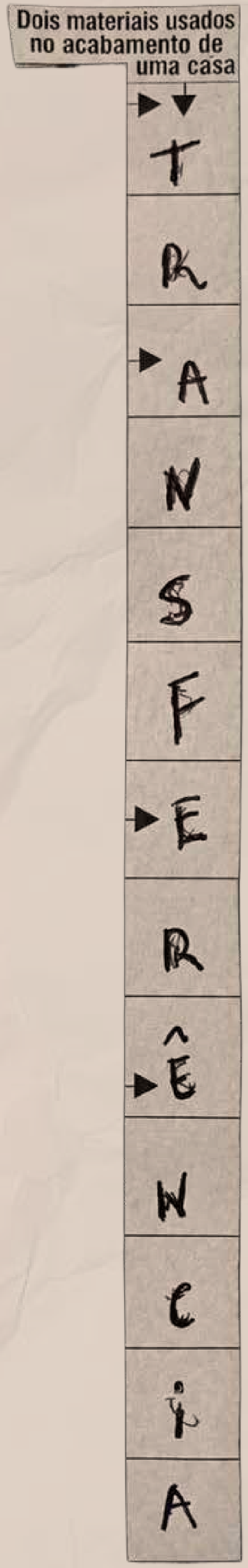
Éric Laurent parte, naquele texto, de uma questão decisiva para a clínica lacaniana contemporânea: como pensar e manejar a transferência a partir do último ensino de Lacan, quando a referência ao Outro e ao Nome-do-Pai já não pode ocupar o mesmo lugar que ocupava na clínica clássica. O título articula dois significantes fundamentais: “disrupção” e “loucuras”.

A disrupção designa a irrupção do gozo no corpo, uma ruptura da homeostase que não resulta de uma evolução ou de uma dedução, mas de uma “efração”, de um acontecimento que rompe uma ordem previamente estabelecida. Ela pode ser tanto o acontecimento inicial quanto suas repercussões posteriores, que continuam a comprometer as estabilizações possíveis para um sujeito.

A referência à “loucura” deve ser entendida no horizonte do aforisma lacaniano “todo mundo é louco, isto é, delirante”. Trata-se de reconhecer que, no último ensino de Lacan, a relação de cada falasser com o gozo comporta uma dimensão singular que não pode ser submetida a uma norma universal. A clínica passa, assim, da oposição estrutural neurose/psicose/perversão para uma atenção maior ao modo singular como cada sujeito consegue fazer com o real de seu gozo, ou seja, de uma clínica descontinuísta para uma clínica continuísta.

Por isso, o analista não concebe somente a transferência como suposição de saber. É nesse ponto que, seguindo Lacan, Laurent destaca uma mudança fundamental na posição do analista. O analista não é aquele que supostamente sabe; é aquele que segue. Ele pode ocupar a posição de testemunha ou de secretário das invenções e suplências do falasser. O jogo homofônico em francês entre je suis (“eu sou”) e je suis (“eu sigo”) permite a Laurent formular essa posição: o analista não deve impor ao falasser uma significação, mas acompanhar a maneira singular pela qual este constrói uma solução para o seu gozo.

Isso implica reconhecer que “há o Um”, mas não há o Outro. O Um corresponde à singularidade radical do falasser, ao modo absolutamente particular pelo qual ele é afetado pela linguagem e pelo gozo. O falasser não é, nesse sentido, um elemento de uma comunidade universal de significações; ele é Um sozinho. É por isso que



Laurent aproxima essa clínica da afirmação lacaniana “a cada um seu sinthoma”. Nela, a função do analista é acompanhar essa singularidade, sem pretender reconduzi-la a uma norma ou a uma estrutura previamente estabelecida.

A discussão da transferência conduz Laurent também à questão do ódio e do amor. Se o Outro não existe, isso não significa que desapareçam os afetos dirigidos ao outro. Ao contrário, o ódio pode visar diretamente o real do modo de gozo do outro. Laurent retoma, nesse sentido, a formulação de Jacques-Alain Miller segundo a qual o racismo contemporâneo pode ser entendido como ódio ao modo particular pelo qual o outro goza. A expressão “hainamoration”, condensando ódio e amor, nomeia uma dimensão fundamental da relação entre os Uns: o gozo do outro é simultaneamente fonte de atração e de rejeição.

O texto passa, então, à articulação entre Une-bévue, Um e inconsciente. Laurent retoma a leitura de Miller sobre o Seminário 24 de Lacan, na qual Miller refere que Une-bévue não é o inconsciente no sentido clássico. É o que ocorre no nível de lalíngua.

Esse ponto é crucial porque mostra que a função da interpretação não é revelar um sentido escondido. Trata-se, por outro lado, de uma construção que pode permitir ao falasser recuperar uma determinada homeostase diante da disrupção do gozo. O analista participa dessa operação, não como aquele que revela a verdade última, mas como aquele que pode sustentar a produção de uma solução singular.

Aqui podemos acompanhar como o tema da transferência no último ensino de Lacan se articula indissociavelmente ao da interpretação. Sendo assim, esta última não visa fazer o sujeito compreender mais. Laurent articula essa operação à disrupção do gozo: diante do tropeço fundamental com lalangue, a interpretação vem como uma invenção que pode produzir

uma nova amarração. A finalidade não é alcançar uma satisfação compartilhável ou normativa, mas encontrar uma maneira singular de viver com aquilo que constitui o próprio gozo.

Assim, o texto propõe uma verdadeira reorientação da prática analítica. Os instrumentos clássicos – inconsciente, transferência e interpretação – são deslocados e relidos à luz de novas categorias: falasser, ato, Une-bévue, jaculação, Um e sinthoma. O analista passa da posição daquele que promove escanções para que se dê o surgimento da verdade para a posição daquele que acompanha, testemunha e eventualmente provoca um despertar.

Para concluir, podemos destacar como especialmente fecunda no texto de Laurent a expressão “o analista que segue” como uma nova concepção da transferência e da direção do tratamento na clínica contemporânea. Não é apenas uma mudança de posição técnica; ela modifica o próprio estatuto do saber na análise. O saber não é suposto estar do lado do analista, nem precisa ser extraído de um Outro supostamente consistente. Ele está do lado do analisante, mas como um saber-fazer singular com o gozo.

O INCONSCIENTE E A TRANSFERÊNCIA, HOJE
NUCLEO PSICOSE

Júlia Jones – Associada ao IPB

Inconsciente e transferência, operadores centrais da clínica psicanalítica, são dois conceitos que convocam atualizações ao longo da história da psicanálise, principalmente em relação aos seus usos no tratamento com as psicoses. Muito trabalho foi feito para que hoje possamos saber que foi possível extrair uma adaptação para não mais recuar frente a esses casos que chegam em sofrimento aos consultórios.

No início da construção do método, a partir da sua prática clínica com as histéricas, Freud se depara com impasses em relação a ambos os conceitos. Com o inconsciente, ele não localiza o recalque a ser decifrado, e sim um inconsciente a céu aberto. Em relação à transferência, localiza a libido fixada no Eu, diante disso, como supor um saber ao outro? Lacan se aproxima da psicanálise também a partir da sua clínica. Foi com o seu encontro com Aimée, que ele inicia a construção de uma forma mais adequada para a direção do tratamento com as psicoses. Ele sustenta que a transferência passa em torno da relação com o saber, mas seguindo a lógica da certeza; e que esses conceitos se manifestam de diferentes formas e modos

Sair de uma região para outra	→	C	A	D	E	i	A

de funcionamento. Já Miller[1], a partir do conceito de nó borromeano, avança e cria o conceito da psicose ordinária. Diante dessa nova perspectiva, ele destaca no livro "A psicose ordinária", que os casos que eram lidos como raros, passam a se tornar frequentes.

Na clínica contemporânea, Domenico Cosenza[2], ao abordar a clínica do excesso, chama atenção para a produção dos efeitos do sintoma de "recobrir a estrutura do sujeito, não deixando-a emergir. O sintoma contemporâneo fecha a divisão na neurose e a fragmentação estrutural na psicose." (p. 52). Diante disso, trata-se de sustentar uma clínica que não tome como referência única a divisão entre neurose e psicose, mas que possa acompanhar as soluções singulares construídas por cada sujeito.

Jacques Borie[3], no livro "O psicótico e o psicanalista", que estamos estudando esse ano no Núcleo de Psicose do Instituto de Psicanálise da Bahia, ao tomar a transferência como problema traz uma orientação que destaco: "trata-se de tomar precauções antes de empreender qualquer manejo, pois prestar-se à essa experiência envolve riscos". (p. 38). A prudência, nesse contexto, não implica recuo diante da psicose, mas uma orientação clínica que privilegia a singularidade de cada caso e a construção, junto ao sujeito, de uma forma possível de tratamento.

[1]MILLER, Jacques-Alain. Psicose ordinária: a convenção de Antibes. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
[2]COSENZA, Domenico. A clínica do excesso: derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea. Belo Horizonte: Scriptum, 2024.
[3]BORIE, Jacques. O psicótico e o psicanalista. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2023.

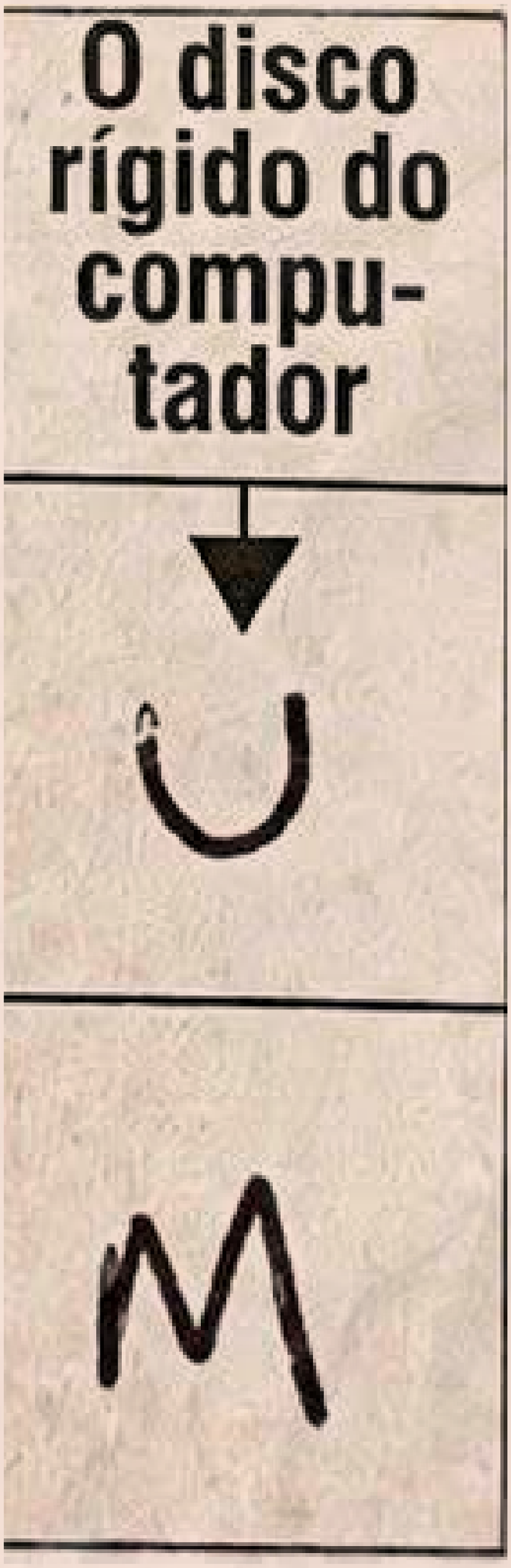
RESSONÂNCIAS DA ATIVIDADE DE DIVULGAÇÃO DAS XXX JORNADAS DA EBP-BA

Beatriz Silva - Associada ao IPB

Ainda tomada pela alegria que segue ressoando após o acontecimento que foi a atividade de divulgação das XXX Jornadas da EBP-Bahia em Guanambi! Foram dias em que o vivo da experiência analítica pôde ressoar em cada trabalho apresentado, nos relatos de experiência do Cien, nos fragmentos dos casos clínicos apresentados e nos debates que se sucederam.

É preciso, nesse momento, agradecer à coordenação das XXX Jornadas da EBP-BA, Tânia Abreu e Carla Fernandes, pela proposta de levar um pedacinho, um grão, das jornadas para os interiores; à orientação de Aléssia Fontenelle durante toda a organização e o planejamento da atividade; e, em especial, um agradecimento a Marcelo Magnelli por toda generosidade. A conferência de Magnelli, "O sintoma na clínica das psicoses: invenções sob transferência", foi marcada pela riqueza dos divinos detalhes, sem perder a generosidade de uma transmissão clara e cuidadosa.

Por fim, reforço, com alegria, o efeito de causa de desejo que essa atividade proporcionou, seja nos trabalhadores decididos que organizaram e fizeram a atividade acontecer, seja nos participantes que deram notícias do entusiasmo que tomou seus corpos.



Comissão Divulgação, Mídias e Site:
Aléssia Fontenelle e Wilker França (Coord.) Bruno Oliveira, Graziela Pires, Milena Nadier, Fernanda Dumet, Lara Cedraz e Vinicius Ribeiro
Fotografia: Graziela Pires | **Palavras cruzadas:** Lara Cedraz
Design: Bruno Senna